



Nicolas Behr Obscuro bardo brasileiro que, diz a lenda, viveu em Brasília na passagem do século XX para o XXI. Teria vindo jovem de Mato Grosso e, devido ao estranhamento que a então cidade modernista lhe causou, começou a escrever poemas, dos quais só restam poucos fragmentos (ou teriam sido curtos, mesmo?). Existem claras evidências arqueológicas de que sobrevivia do comércio de plantas, pois foi encontrado grande número de vasos e sacos de adubos nas escavações feitas em sua casa. Ainda segundo a tradição oral, relatou sua ligação afetiva com a cidade num dicionário amoroso até hoje consultado, mesmo havendo persistentes dúvidas sobre sua real autoria. Porém, sabe-se, com certeza, que Alcina Ramalho foi o grande amor da sua vida, com quem teve três filhos: Erik, Klaus e Max. Diz-se que faleceu em idade avançada. Sobre sua lápide no Campo da Esperança, onde supõe-se estejam seus restos mortais, escreveu: "Nada tenho, devo muito e o restante deixo aos pobres". Até Rabelais plagiou esses dizeres.

BRASÍLIA-Z

A cidade-palavra fala por meio de um livro poético com 255 verbetes gostosos de ler.

Fundamental para quem ama Brasília e também para quem ainda não entendeu a cidade.

Nicolas Behr compartilha com você tudo o que sabe sobre Brasília. E não é pouco.



BRASÍLIA-Z
CIDADE-PALAVRA

BRASÍLIA-Z

CIDADE-PALAVRA

Nicolas Behr

O primeiro amor, o primeiro beijo, o primeiro amasso, a moça que mostrou ou não mostrou os seios nus, as amantes preferidas de JK que são ou não são lendas, uma história de amor, uma de traição, outra de amor, a paixão por uma mulher radiante e luminosa, a cigarra que canta desesperadamente para seduzir a fêmea, a mulher que foi, por amor ao marido seguir a Missão Cruls, um casal de girafas enamoradas... Tantos verbetes assim, que este parece um livro de amor. E é, mesmo.

Mas o amor que é o coração deste dicionário amoroso é o amor do poeta Nicolas Behr por Brasília. Aqui ele deixa um pouquinho de lado sua verve crítica da cidade-poder, da cidade racional e lógica, e aquela da sua frase "Eu sou de Brasília, mas juro que sou inocente", a Brasília de quem não conhece a cidade em seu verdadeiro cotidiano. Ele deixa cair o pano e mostra a cidade que ama, a sua Brasília, a de sua juventude, a Brasília sonhada no verbete Bola de cristal. A Brasília ideal. A Brasília dos inocentes.

Uma visita que começa panorâmica, Brasília vista do alto da torre, você vai ao céu, depois desce, e se estende, caminha, se entranha, chega aos segredos da cidade, desde a Alma de Brasília até o Zoológico de Brasília; e o poeta traduz a cidade em verbetes como num dicionário, de A a Z, enquanto constrói uma cidade com palavras. Palavras de um poeta que perdeu sua Brasília de juventude, mas que a mantém viva em sonhos de palavras.

Ana Miranda

Nicolas Behr